

**REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE DO VAQUEIRO
NA OBRA “FIDALGOS E VAQUEIROS”,
DE EURICO ALVES BOAVENTURA**

Charlene Cristine Conceição de Jesus (UNEB)
charlene_uefs@hotmail.com

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB)
celinabbade@gmail.com

RESUMO

Ao descrever o vaqueiro como o personagem mais importante do Sertão, Eurico Alves Boaventura, traça um perfil do homem que “marcou e levantou uma paisagem nova” (BOAVENTURA, 1989, p. 18), sendo assim, o referente trabalho tem como objetivo realizar um estudo lexicológico a partir dos campos lexicais para caracterizar esse ilustre personagem, fazendo juz a figura heroica do vaqueiro. Para entendermos melhor como era caracterizada essa vida bucólica e conhecermos características culturais e sociais da época e da cidade em questão, utilizaremos uma das obras de Eurico Alves Boaventura: “Fidalgos e Vaqueiros” (1989). O vocabulário presente nessa obra revela uma memória social da cidade atrelada ao passado das casas-de-fazenda, das antigas autoridades fidalgas e vaqueiras. Para o desenvolvimento da pesquisa foi possível realizar o levantamento de parte do vocabulário utilizado na obra, a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da Lexicologia, considerando principalmente a teoria dos campos lexicais, proposta por Eugenio Coseriu (1967; 1979; 1981) e seguida por demais teóricos como Abbade (2006; 2007; 2009; 2011; 2012; 2015), Bechara (1999), Ulmann (1970), dentre tantos outros. O recorte feito nos resultados contemplou o macrocampo dos Vaqueiros e os seus respectivos microcampos.

Palavras-chave:

Vaqueiro. Campos Lexicais. Eurico Alves Boaventura.

ABSTRACT

When describing the cowboy as the most important character in the Sertão, Eurico Alves Boaventura, draws a profile of the man who “marked and raised a new landscape” (BOAVENTURA, 1989, p. 18), therefore, the referent work aims to accomplish a lexicological study from the lexical fields to characterize this illustrious character, making the heroic figure of the cowboy justice. To better understand how this bucolic life was characterized and to get to know the cultural and social characteristics of the time and the city in question, we will use one of the works of Eurico Alves Boaventura: “Fidalgos e Vaqueiros” (1989). The vocabulary present in this work reveals a social memory of the city linked to the past of farmhouses, the former noble and cow herd authorities. For the development of there search it was possible to survey part of the vocabulary used in the work, based on the theoretical and methodological foundations of Lexicology, considering mainly the theory of lexical fields, proposed by Eugenio Coseriu (1967; 1979; 1981) and followed by other theorists such as Abbade (2006; 2007; 2009; 2011; 2012; 2015), Bechara (1999), Ulmann (1970), among many others. The cut in the results included the Vaqueiros macro campus and the irrespective micro

campus.

Keyword:

Vaqueiro. Theory of lexical. Eurico Alves Boaventura.

1. Introdução

O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada *O vocabulário sertanejo baiano a partir de Fidalgos e Vaqueiros de Eurico Alves Boaventura: os Campos Lexicais*, a qual foi defendida em março de 2019 na Universidade Estadual da Bahia sob a orientação da Prof^a Dr^a Celina Márcia de Souza Abbade, tendo como objetivo explorar o léxico relacionado com a cultura sertaneja da cidade de Feira de Santana em meados dos anos de 1930, a partir do levantamento de cento e quarenta e três lexias encontradas no romance “Fidalgos e vaqueiros”, de Eurico Alves Boaventura.

O estudo do vocabulário representativo do sertão utilizado por Boaventura em seu romance nos ajudou a traçar um perfil da sociedade vigente daquela época, em que escravos, vaqueiros e grandes fazendeiros marcaram a identidade rural e ajudaram o autor a ter um olhar singular para as tensões internas no período de transição de uma Feira de Santana rural para uma Feira de Santana moderna. Dessa maneira, o objetivo geral dessa pesquisa é apresentar o vocabulário sertanejo baiano, organizando, descrevendo e analisando as lexias que caracterizam esse sertão pastoril através dos seus personagens principais: os fidalgos e os vaqueiros e de sua fauna e flora.

A dissertação traz uma análise das lexias existentes no romance, observando seus conceitos à época, assim como a utilização dessas lexias naquele período. O léxico do sertão está dividido em campos lexicais, tomando como base teórica para tal proposta, a teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu com o objetivo de apresentar um sertão forte, imponente, e um estudo, sobretudo, do desenvolvimento de uma sociedade rural em que o vaqueiro é o símbolo que melhor o representa.

O *corpus* está composto por 143 lexias relativas ao sertão, distribuídas em quatro macrocampos, seguindo as seguintes etapas: 1) Levantamento das lexias características do sertão e das personagens principais encontradas no romance; 2) Análise dos dados obtidos da realidade sociocultural agropastoril sertaneja; 3) Consulta a alguns dicionários de

língua portuguesa – *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Candido de Figueiredo (1926); *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antenor Nascentes (1955); *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2001) – para a definição das lexias de acordo com o seu significado no texto; 4) E, por fim, a apresentação das lexias em ordem hierárquica dos campos, seguidas da categoria gramatical, do conceito e de exemplos remetidos ao corpus, constituindo-se, ao final, um vocabulário organizado em campos lexicais.

As lexias são apresentadas em letras maiúsculas e em negrito, seguidas da classificação gramatical e do conceito e as estruturamos, mostrando as suas diferentes ocorrências a partir dos exemplos retirados do *corpus* do livro, situando-as em páginas e linhas. Utilizaremos desse processo para mostrar que não se pode pensar o léxico como um sistema fixo de nomeação de tudo o que há, pois, de acordo com Vilela (1995, p. 78), “o léxico não é uma soma de nomenclaturas, etiquetando a realidade: a transitoriedade das coisas e do mundo, a história e o devir aninham-se no interior do léxico”.

2. Pressupostos teóricos: a Lexicologia e os Campos Lexicais

A língua é o produto de uma sociedade, a qual é regida por regras constituídas nessa mesma sociedade. Devido ao fato de que o indivíduo ser incapaz de adquirir uma língua sem se relacionar com seus pares e seu seio social, Lyons (1981) afirma que:

[...] não há dúvidas de que o conhecimento da própria língua nativa é culturalmente transmitido: é adquirido, embora não necessariamente aprendido, em virtude do indivíduo ser membro de determinada sociedade. (LYONS, 1981, p. 213)

As relações estabelecidas em sociedade são os meios que o homem adquire a língua e externa sentimentos, manifestando-se das mais variadas formas. Isto nos leva a crer que não podemos estudar a língua distanciando-a da sociedade na qual o falante está inserido. Porque, através do léxico, podemos perceber sistema de valores, as práticas 37 socio-culturais da comunidade e os costumes que estão refletidos diretamente no vocabulário da comunidade em estudo, conforme afirma Abbade (2011):

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada

nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza. (ABBADE, 2011, p. 1332)

A definição, supracitada, corrobora com Carvalho (2001), que diz que língua e cultura formam um todo indissociável, acrescentando: “(...) no caso da língua e da cultura maternas, esse todo não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido ao sabor dos acontecimentos cotidianos (CARVALHO, 2001, p. 100)”. A autora pondera que o componente semântico-lexical revela com maior clareza as divergências entre os usos por diferentes comunidades linguísticas.

Ao compreendermos que a língua está intimamente ligada às relações sociais e ao fenômeno da comunicação, e que o homem se apresenta dentro desse contexto (trazendo seus referenciais culturais, psicológicos e sociais), Ferraz (2006, p. 219) afirma que “as relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico (...)”.

O léxico de uma comunidade de fala, independentemente do surgimento de variações, possui a capacidade de reproduzir o patrimônio sociocultural da comunidade a que se destina. Sendo assim, buscamos resgatar, por meio dos vocábulos, o modo de vida retratado por Boaventura na obra Fidalgos e Vaqueiros. Corroborando com Biderman (2001):

O léxico é o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração para geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias. (BIDERMAN, 2001, p. 13)

Outro fator importante é o resgate cultural e histórico que Boaventura (1989) apresenta em sua obra. Uma mistura de “curiosidade intelectual” e uma “emoção nostálgica”. A primeira postula o “(...) lastro documental, objetividade e realismo no trato da realidade. (...) (já a segunda,) (...) deixa à mostra um trabalho com o cérebro, mas também com o coração.” (SOARES, 2011). Assim:

Em linhas gerais, Eurico Alves é perfilado como cantor idílico da paisagem-sertão, um pesquisador interessado, desvelador e defensor das suas autênticas raízes culturais, cuja poética seria marcada por uma sensibilidade comovida pela “terra”. Em suma, nesse jogo de atribuição de sentidos, institui-se uma marca distintiva: a de um autor exemplar na busca de tradução do sertão e sua gente; traceja-se uma biografia que sinaliza para

a luta incansável pelo resgate e preservação dos valores culturais sertanejos. (SOARES, 2011, p. 3)

Destacamos a importância dos vaqueiros que “(...) tangendo a boiada, procurando pasto, descobriram as terras ignoradas do sertão.” (BOAVENTURA, 1989, p. 49) Continua dizendo que se “(...) não fosse o gado o povoamento da Colônia se teria retardado.” (BOAVENTURA, 1989, p. 49).

Para organizarmos as lexias em campos lexicais, entendemos que as palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra irá depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só terão sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim, para entender a lexia individualmente, “(...) é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão” (ABBADE, 2009, p. 39).

Podemos citar como exemplo o macrocampo lexical dos vaqueiros, em que as unidades léxicas têm como zona de significação comum informações sobre a rotina, a execução de tarefas, a lida com o gado, o desbravamento do sertão, entre outros. Contudo, elas apresentam oposições imediatas entre si: algumas são classificadas como atividades, outras como qualificadores e até mesmo como vestimentas.

Desse modo, as unidades funcionais de uma língua devem estabelecer-se ali onde funcionam e mediante as oposições em que funcionam. Desse modo, uma língua funcional é uma língua delimitada dentro de uma língua histórica, visto que esta é o conjunto de dialetos, níveis e estilos de língua. Assim, a língua funcional pode comprovar suas unidades e estruturas comuns através de uma língua histórica (BARREIROS, 2012, p. 144).

A teoria propõe que um campo se estabelece através de oposições simples entre as palavras. Para Coseriu (1991 [1977]), as redes de relações que se pode estabelecer por meio das estruturas paradigmáticas e sintagmáticas contribuem para o estudo do conteúdo de um signo e são infinitas.

Um campo lexical pode ser entendido como:

Um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor de campo), que esses lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si por diferenças mínimas de conteúdo léxico (traços dis-

tintivos lexemáticos ou semas). (COSERIU, 1991 [1977], p. 135) (tradução nossa)

As lexias, para Coseriu (1991 [1977]), ao serem abordadas como articuladas de maneira hierárquica, havendo lexemas que se encontram em níveis altos da estrutura e outros que se seguem, constituem, portanto, uma teia associativa.

Além de proporcionar a identificação da estrutura social e a maneira como o homem se posiciona frente aos espaços físicos e à natureza, cada um dos campos a serem analisados forneceram pistas sobre o modo como se davam as relações ente os fidalgos e os vaqueiros na cidade de Feira de Santana, em 1930, e de suas relações com o ambiente à sua volta.

Portanto, acreditamos que é possível constatar a maneira como a sociedade se organiza a partir da disposição das lexias e da interdependência entre as mesmas. E o trabalho com os campos lexicais segue uma rede de significações, o que nos permite considerar o léxico de maneira estrutural, demarcando o campo lexical de acordo com as estruturas lexemáticas e os lexemas conforme sugere a teoria dos Campos Lexicais proposta por Coseriu (1977; 1987), além de correlacionar as questões semânticas com as características culturais e sociais da cidade de Feira de Santana, local onde se passa a narrativa, no corpus dessa pesquisa.

3. O macrocampo dos vaqueiros

Boaventura descreve o vaqueiro como o personagem mais importante do sertão, ao descrevê-lo como o Homem que marcou e levantou uma paisagem nova. A partir dessa afirmação, buscamos as lexias no nosso *corpus* que fossem fieis a caracterização desse ilustre personagem, fazendo jus à sua figura heroica.

Por sua coragem e ímpeto, o *Vaqueiro* é comparado com um bandeirante, pois uma de suas funções foi “da penetração horizonte a dentro no sertão baiano” (BOAVENTURA, 1989, p. 44) em busca de desbravar as terras nordestinas para novos pastos e caminhos para a boiada passar, sendo “inquieto pela necessidade de explorar novos horizontes para um novo curral, mais um curral, que se somaria aos outros, móbil, por obrigação de vigiar o rebanho, assim foi o vaqueiro sempre” (BOAVENTURA, 1989, p. 28) .

O *macrocampo* dos vaqueiros apresenta trinta e seis *lexias* estruturadas em quatro *microcampos* a saber: *qualificadores*, *vestimentas*, *instrumentos de trabalho* e *das atividades*. A presente divisão ocorreu dessa maneira para que pudéssemos compreender a sua relevância e o seu árduo trabalho, tanto que descrevem atividades feitas por ele durante o seu dia a dia, além das vestimentas que o protegem do calor do sertão baiano.

4. O vaqueiro e seu *microcampos*

4.1. *Qualificadores*

Partindo do pressuposto que *qualificador* significa, segundo o dicionário Aulete (2004, p. 1003), “aquele que qualifica, que atribui qualidade”, entendemos que se faz necessário ao vaqueiro possuir algumas características que o colocam como *persona* importante na história do Brasil e, principalmente, no nordeste sertanejo. O vaqueiro é o retrato máximo da coragem do homem do sertão, além de tudo, ele tem uma interação muito forte com os animais de criação, sendo o vaqueiro, o cantador de alvoradas, o pegador de boi brabo, amansador de novilho e procurador de rês perdida.

Com essa descrição, percebemos que os *qualificadores* estavam, sobretudo, relacionados às atividades que o vaqueiro desempenha no seu dia-a-dia, tais como: ser um *montador ferroz*, pois tal habilidade demonstra coragem necessária para montar e/ou adestrar um animal, e como ele, desbravar terras mais distantes e/ou perigosas, além de demonstrar força e disposição diante dos obstáculos ou problemas. Ser inquieto, nômade permitiu que o vaqueiro pudesse desbravar e se aventurar pelo sertão, povoando-o e levando o desenvolvimento para o interior nordestino.

CORAGEM – adj. Firmeza, energia, diante do perigo. Intrepidez. Ousadia, desembaraço.

E para a sua vida será necessária a largura descomunal do horizonte, que a **coragem** desvendara. (p. 44, l. 14-16)

MONTADOR FERROZ – exp. Descrição do vaqueiro que era capaz de dominar um animal com ímpeto e coragem.

O que causa espanto e lhe dá este aspecto de bruto é a vestimenta de trabalho ou a sua qualidade de “**montador ferroz**”. E o resumo da história. Produto de literatura. E, por isso, o homem dirigente da vida social das fazendas passa no anonimato injustificadamente. (p. 25, l. 16-18)

MÁSCULO – adj. Viril, varonil, esforçado, destemido, valoroso.

O trabalho **másculo** do campo não humilhava nem diminuía o homem como o do eito, aos olhos delicados do seu branco. (p. 26, l. 15-17)

INQUIETO – adj. Que não tem sossego; que se mexe ou agita muito.

Inquieto, pela necessidade de explorar novos horizontes para um novo curral, mais um curral, que se somaria aos outros, móbil, por obrigação de vigiar o rebanho, assim foi o vaqueiro sempre. (p. 28, l. 21-3)

NÔMADE – adj. Que não tem habitação fixa; que vive mudando de um lugar para outro.

E esta instabilidade, ou melhor dito, esta mobilidade do vaqueiro faz com muitos estudiosos só vejam no pastoreio a sua dinâmica figura, como remanescente retrato de uma espécie de **nômade**. (p. 28, l. 23-6)

É certo que se reconhece aos povos pastores a qualidade de **nômade**s. Destes a “característica fundamental pode dizer-se que é o nomadismo. De fato, povos pastores e povos nômade são precisamente expressões empregadas como sinônimas”. (p. 29, l. 69-9)

BRUTAL – adj. Próprio de quem ou do que é bruto, grosseiro, selvagem, violento.

E, muitas vezes, reproduzindo velhos conceitos caducos e errôneo, como o dado pelo próprio Silvio Romero, nos seus contos Populares do Brasil, de que o vaqueiro é um tipo **brutal**. (p. 25, l.13-16)

AMEDRONTADOR BELUÁRIO – exp. Que amedronta ou desperta medo, domando feras.

Encarado somente como **amedrontador beluário**, como horripilante bestiário e só. (p. 25, l.15-16)

HORRIPILANTE BESTIÁRIO – exp. Que horripila, que causa arrepios, que assusta combatendo as bestas, ou feras.

Encarado somente como amedrontador beluário, como **horripilante bestiário** e só. (p. 25, l.15-16)

RURÍGENA – adj. Aquele que nasce nos campos.

É para frisado que nunca soube o **rurígena** sertanejo, nordestino principalmente, utilizar-se seguramente das águas que Deus lhes manda. (p. 36, l. 26-7)

Como atestado deste sentimento inato ao homem **rurígena** sertanejo, fica bem o testemunho de GUSTAVO BARROSO. (p. 303, l. 26-7)

INCULTO – adj. Sem cultura. Rude, agreste.

A sua **incultura** não lhe dá margem para necessitar de casa maior ou melhor. (p. 34, l. 19-20)

4.2. Vestimentas

Entendemos aqui, *vestimentas* como tudo o que serve para vestir o vaqueiro na sua “lida” diária, onde enfrenta os mais diversos infortúnios, desde o trabalho de aboiar o gado e demais animais da fazenda, até mesmo as suas incursões pela caatinga.

O próprio vestuário, em que se reflete, de um modo tão sensível o processo de trabalho, permaneceu preso a um primitivismo desolador. Fora as roupas de couro com que, no sul como no Centro, no Norte como no Oeste, usualmente o campeador exerce seu trabalho bruto, nenhum outro sinal deixou o regime pastoril no modo de trajar daqueles que viveram e vivem na sua dependência. (BOAVENTURA, 1989, p. 30)

A civilização do couro, como essa época ficou conhecida, era totalmente autossuficiente, capaz de produzir tudo que fosse necessário para a vida do vaqueiro. Dessa maneira, conseguiam obter na própria fazenda tudo que era necessário para o seu bem estar, uma vez que demorava muito tempo e investia-se muito dinheiro para os materiais que vinham do litoral.

A indumentária do vaqueiro representa seu tipo profissional e por ela, ele dedica extremo zelo. A *perneira*, o *gibão*, o *jaleco*, o *chapéu* e o *guarda-peito*, ambos de couro, compõem tanto a sua roupa de uso cotidiano quanto das festividades. Boaventura deixa registrado nos seus escritos que sendo o vaqueiro, um homem humilde e simples, “os couros completos só nos dias de trabalho de campo mais intensos são entoados”. Eles usam mais “as *perneiras* e o *chapéu*, ali, no trabalho ordinário de todo dia”. (BOAVENTURA, p. 34)

VESTUÁRIO – s.m. Conjunto das peças de roupa que se vestem; traje; fato.

Nas festas de São José das Itaporocas, nos casamentos do vale sanfrasciano, nas festas religiosas da Volta dos Meiras e de Minas de Rio de Contas, a indumentário aristocrata e o **vestuário** do plebeu não se diferenciavam em coisa alguma do traje das gentes das outras áreas culturais brasileiras. (p. 30, l. 36-40)

CHAPÉU – s.m. Peça do vestuário provida de capa e abas, destinada a cobrir a cabeça.

“De véstia e perneiras, **chapéu**, guarda-peito,

De peles curtidas... que lindo trajar!”...” (p. 31, l. 17-18)

Os couros completos só nos dias de trabalho de campo mais intenso são entonados. Tratando do vaqueiro do São Francisco, diz José Roberto Macedo que usam mais as perneiras e o **chapéu**, ali, no trabalho ordinário de todo dia. (p. 34, l. 27-30)

GIBÃO – s.m. O gibão, é um sobretudo, enfeitado com pespontos e fechado com cordões de couro.

Entre nós, com os couros dos vaqueiros – calção,perneiras, **gibão**, guarda-peito, jaleco, luvas e chapéu. (p. 31, l. 7-9)

E os Encourados do Pedrão foram vaqueiros da zona, transmudados em soldados, enfiados nos couros do trabalho, perneiras, **gibões** e jalecos, à guisa de armaduras de guerra, escrevendo os boiadeiros, cavaleiros de uma nova Cruzadas, bela pagina guerreira, glorificada pelos versos inesquecíveis de Artur de Sales. (p. 209, l. 27-32)

JALECO – s.m. Véstia curta, como uma jaqueta, geralmente de couro, usado pelos vaqueiros.

Sairá para vigiar o rebanho, quando solto no tabuleiro ou na catinga fechada. Toma o **jaleco**, ao pular da cama, em meio ao Pelo-Sinal apressado e sai para o mato com um café no dente. (p. 34, l. 25-7)

E os Encourados do Pedrão foram vaqueiros da zona, transmudados em soldados, enfiados nos couros do trabalho, perneiras, gibões e **jalecos**, à guisa de armaduras de guerra, escrevendo os boiadeiros, cavaleiros de uma nova Cruzadas, bela pagina guerreira, glorificada pelos versos inesquecíveis de Artur de Sales. (p. 209, l. 27-32)

GUARDA-PEITO – s.m. Pedaço de couro curtido que os vaqueiros prendem ao pescoço e à cintura, à guisa de colete.

Entre nós, com os couros dos vaqueiros – calção,perneiras, gibão, **guarda-peito**, jaleco, luvas e chapéu. (p. 31, l. 7-9)

“De véstia e perneiras, chapéu, **guarda-peito**,

De peles curtidas... que lindo trajar!”...” (p. 31, l. 17-18)

CALÇÃO – s.m. Tipo de calça curta, ajustada na cintura por cadarço ou elástico, que geralmente só vai até o meio da coxa.

Entre nós, com os couros dos vaqueiros – **calção**,perneiras, gibão, guarda-peito, jaleco, luvas e chapéu. (p. 31, l. 7-9)

PERNEIRA – s.f. Calça de couro bem ajustada ao corpo ou conjunto de tiras de couro ou de pano grosso destinado a proteção das pernas, comuns aos vaqueiros da região sertaneja.

Entre nós, com os couros dos vaqueiros – calção, **perneiras**, gibão, guarda-peito, jaleco, luvas e chapéu. (p. 31, l.7-9)

Os couros completos só nos dias de trabalho de campo mais intenso são entonados. Tratando do vaqueiro do São Francisco, diz José Roberto Macedo que usam mais as **perneiras** e o chapéu, ali, no trabalho ordinário de todo dia. (p. 34, l. 27-30)

E os Encourados do Pedrão foram vaqueiros da zona, transmutados em soldados, enfiados nos couros do trabalho, **perneiras**, gibões e jalecos, à guisa de armaduras de guerra, escrevendo os boiadeiros, cavaleiros de uma nova Cruzadas, bela página guerreira, glorificada pelos versos inesquecíveis de Artur de Sales. (p. 209, l. 27-32)

4.3. Instrumentos de trabalho

O trabalho do vaqueiro refere-se ao conjunto de todas as atividades que ele desenvolve, desde cuidar da criação até apartar uma rês, tornando-se extremamente importante seu manejo com o gado, a busca de novos mercados consumidores, a abertura de novas estradas e caminhos para o deslocamento das boiadas em direção ao norte.

Com isso, entendemos que qualquer objeto que tenha utilidade para o trabalho do vaqueiro está presente nesse campo lexical dos *instrumentos de trabalho*. Tais instrumentos se tornam extremamente indispensáveis para o manejo com o gado tais como: impulsionar o gado; aprisioná-lo, tange-lo, guia-lo e para marca-lo. Construindo sua identidade a partir dos objetos que utiliza no dia a dia.

FERRO – s.m. Instrumento utilizado para marcar os animais, identificando o proprietário.

Fazia-se o sertão o pastor com a guiada, o **ferro**, o ferrão. Acompanhava-lhe também esta rude ferramenta a enxada para a roça. Por isso, venceu e ajudou outros a vencerem. (p. 24, l. 23-5)

Não somente a manifestada na vaquejada ou nas ferras, mas a que se representa na preocupação de conhecer todos os **ferros** de perto e de longe, às vezes, conhecendo assim o gado alheio para o cuidado de informar o boi pedido, a rês de procedência estranha, aparecia no seu rebanho, cuidar-lhe da bicheira ignorada pelo seu vaqueiro, zelar de crias desconhecidas, até o dono chegar. (p. 303, l. 15-21)

O vaqueiro sente o prazer de conhecer todos os **ferros** da redondeza e têm na memória facilmente os **ferros** desconhecidos. E com exclusivo empenho: o de servir indistintamente aos companheiros. Apontam-se inúmeros casos de aparecer uma novilha desgarrada ente ogadoda fazenda com **ferro** desconhecido. (p. 303, l. 38-43)

FERRÃO – s.m. Instrumento utilizado para instigar o animal, principalmente o gado, quando ele não quer andar.

Fazia-se o sertão o pastor com a guiada, o ferro, o **ferrão**. Acompanhava-lhe também esta rude ferramenta a enxada para a roça. Por isso, venceu e ajudou outros a vencerem. (p.24, l.23-25)

VARA-DE-FERRÃO – exp. O mesmo que ferrão.

(...) os couros – armadura para as investidas contra os inimigos solares da caatinga – e a **vara-de-ferrão**, o ferro com as iniciais do dono ou o desenho da sua predileção e só. (p. 26, l. 30-5)

Fê-lo resoluto e destemido o habito de esperar o boi com a **vara-de-ferrão**. Há vaqueiro que se defende, que dá no boi até com o chapéu de couro, apenas. (p. 175, l. 23-5)

GUIADA – s.f. Pau delgado e comprido, ordinariamente com ferrão na ponta, para picar os bois na lavoira e na carretagem.

Fazia-se o sertão o pastor com a **guiada**, o ferro, o ferrão. Acompanhava-lhe também esta rude ferramenta a enxada para a roça. Por isso, venceu e ajudou outros a vencerem. (p. 24, l. 23-5)

CHIBATA – s. f. Vara fina e comprida para golpear e dirigir cavalgadas.

Sabia-se dirigir a rédea e manobrar a **chibata**, acicatar o animal para as longas viagens. (p. 109, l. 15-15)

CORDA-DE-LASCAR – exp. Corda para tirar lasca(s) de (algo) ou partir(-se) em lascas, feita de couro, que serve para pegar o gado, derrubá-lo, arrastá-lo, amarrá-lo.

Os couros, as **cordas-de-lascar** feitas de couro cru também, os relhos, o peador, as peias, a sela-de-campo, encontradiços nas salas rústicas e primitivas das casas-de-vaqueiro, separam-se neste momento somente para estas casas. (p. 146, l. 12-15)

RELHO – s. m. Chicote de cabo de madeira, usado para tocar animais.

Os couros, as cordas-de-lascar feitas de couro cru também, os **relhos**, o peador, as peias, a sela-de-campo, encontradiços nas salas rústicas e primitivas das casas-de-vaqueiro, separam-se neste momento somente para estas casas. (p. 146, l. 12-15)

PEIA – s.f. Chicote de tiras de couro entrançadas, utilizado para prender as patas do animal, imobilizando-o.

Os couros, as cordas-de-lascar feitas de couro cru também, os relhos, o peador, as **peias**, a sela-de-campo, encontradiços nas salas rústicas e primitivas das casas-de-vaqueiro, separam-se neste momento somente para

estas casas. (p. 146, l. 12-15)

SELA-DE-CAMPO – exp. Assento de couro que se coloca sobre o lombo de um animal de montaria, e que é próprio para se sentar o cavaleiro.

Os couros, as cordas-de-lascar feitas de couro cru também, os relhos, o peador, as peias, a **sela-de-campo**, encontradiços nas salas rústicas e primitivas das casas-de-vaqueiro, separam-se neste momento somente para estas casas. (p. 146, l. 12-15)

FACÃO – s.m. Instrumento utilizado pelos vaqueiros para abrir caminhos no sertão, cortar os animais e proteção.

Para se entrar a portada do solar, deixa-se o **facão**, trazido à petrina pendurado, (quando o seu portador é trabalhador rural), deixa-se o **facão** encostado ao portal, no avarandado. Já é coisa nobre a soleira da casa-de-fazenda. Ainda hoje, faz-se assim. (p. 146, l. 23-6)

Então, todos os **facões** saíam das bainhas protetoras e ficavam encostados, respeitosa e empertigados a um canto da cerca, ou embaixo, no início da escada. É desrespeitoso entrar-se na soleira do solar ou no avarandado armado, mesmo de simples **facão** de trabalho. (p. 319, l. 42-5)

FOICE – s.f. Ferramenta com uma lâmina em forma de gancho presa a um cabo, usado para ceifar.

E foram nada menos de vinte **foices** de segar trigo. (p. 53, l. 35-6)

ENXADA – s. f. Instrumento de lâmina larga e de aço, com cabo de madeira, para cavar a terra, capinar etc.

Fazia-se o sertão o pastor com a guiada, o ferro, o ferrão. Acompanhava-lhe também esta rude ferramenta a **enxada** para a roça. Por isso, venceu e ajudou outros a vencerem. (p. 24, l. 23-5)

As suas mãos sabem manejar a **enxada**, enfrentar os cactos, mandacarus, as palmatórias espinescentes e macambiras para alimento do gado. (p. 36, l. 29-31)

SURRÃO DE COURO – s.m. Bolsa ou sacola de couro para levar mantimentos; Bornal.

Nas dispensas, os **surrões de couro**, de sola, para preservar farinha, milho, feijão da safra nova. (p. 118, l. 3-5)

4.4. Atividades

A rotina do trabalho do vaqueiro, apesar de sua simplicidade, é caracterizada como um trabalho para “homens de fibra”, valentes e nada preguiçosos, diferente do que Boaventura caracterizou os trabalhadores a

época da cana-de-açúcar: “(...) não estava o orgulho na preguiça que o açúcar criou e espalhou erradamente como sinal de requinte e nobreza (...)”. (BOAVENTURA, 1989, p. 56) “Enquanto o engenho se fecha a outras culturas, o curral delinea a área, amplia mesmo, para lavouras diversas. Não foi exclusiva como a cana.” (BOAVENTURA, 1989, p. 51)

As citações acima demonstram o quanto à pecuária foi um fator significativo para a conquista e o povoamento do interior. A pecuária completou a obra de colonização do nordeste brasileiro e se constituiu em uma alternativa econômica que permitiu a fixação dos homens à terra, promovendo a expansão do território e das atividades comerciais.

No campo das *atividades* do vaqueiro, agrupamos as lexias, observando a recorrência das mesmas, de acordo com as suas práticas profissionais. Esta recorrência legitima a ideia de que a existência do sertanejo se consolida em seu trabalho diário com as tropas e com as boiadas.

VIAJAR – v. Realizar uma viagem; sair de um lugar para outro.

Anda, **viaja**, trabalha, desgarra-se da malhada, mas vem dormir perto do curral. (p. 29, l. 30-1)

GIZAR – v. Assinalar o gado vacum com um traço a ferro quente, chamado giz.

O trolpel das boiadas foi, ao contrário, o lance do particular no **gizar** de poeira o mapa da Colônia. (p. 21, l. 35-6)

TANGER – v. Tocar o animal para estimulá-lo a andar, com o auxílio do aboio (canto de trabalho rural que serve para apaziguar os rebanhos).

Em Jacobina, de cujas serras arrebenta este rio pastoril – rio essencialmente pastoril – cujo marulho das águas era como o aboio do sertão, **tangendo** a desconhecida e invisível boiada das sombras, na centúria dos setecentos, mandou-se buscar carne af para a Capital. (p. 37, l. 14-17)

TOCAR BOIADA – exp. Tocar ou tanger os animais para estimulá-lo a andar.

As bandeiras paulistas, que riscaram também as estradas da Bahia, pelo lado do São Francisco, não traziam tanto gado, não **tocavam boiada**. (p. 38, l. 14-16)

ACICATAR – v. Organizar os animais para obedecer as ordens do vaqueiro, a fim de fazer o transporte de modo seguro.

Sabia-se dirigir a rédea e manobrar a chibata, **acacitar** o animal para as longas viagens. (p. 109, l. 15-16)

TIRAGEM DO LEITE – exp. realizar a ordenha, ou seja, a retirada do leite da vaca.

Com um tanque, um veio d'água à porta, à frente ou no fundo da casa, banha-se apressadamente a todo escurecer ou pela manhã, ao concluir a **tiragem do leite**. (p. 34, l. 33-6)

5. *Considerações finais*

Esperamos que com esse artigo, possamos conhecer um pouco mais sobre os costumes e tradições de um povo que sofre o descaso do próprio governo e da sociedade urbana, desvalorizando a figura do sertanejo e reforçando estigmas negativos referentes ao atraso e a negação dos elementos rurais.

A Lexicologia favorece o conhecimento de diferentes aspectos da vida cotidiana, evidenciando que o léxico é muito mais do que parte da língua, ele integra a vida em sociedade e carrega as marcas das experiências do cotidiano entrelaçadas culturalmente.

A organização das lexias em campos nos proporcionou a identificação e caracterização do Vaqueiro. Cada um dos Microcampos descritos no presente trabalho ajudaram a descrever o modo como o homem sertanejo se relacionava com o ambiente à sua volta, como ele o modificava e como é dependente do sertão.

Esperamos contribuir com as pesquisas lexicais além de incentivar à continuação e/ou busca de novos caminhos rumo à descrição e preservação não só da memória, como também da importância do sertão para o povo brasileiro, no resguardo da nossa identidade linguística-cultural, assim como foi tão desejado e documentado nas obras de Boaventura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Um estudo do lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

_____. A lexicologia e Teoria dos campos lexicais. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Bahia humorística de Eulálio de*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2012.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

CARVALHO, Nelly de. *Publicidade: a linguagem da sedução*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

COSERIU, Eugenio. 1964. Introducci3n al estudio estructural del léxico. In: _____. *Principios de semántica estructural*. 2. ed. Vers. esp. Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1991 [1977].

DOURADO, Lise Mary Arruda. *Ifá lexical: o léxico de terreiro em tenda dos milagres, construção identitária do povo-de-santo*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2010.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. p. 217-34

LYONS, Jhon. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Inglaterra: Guanabara, 1981.

SOARES, Valter Guimarães. Paisagem-sertão, narrativas e inscrições de si: a estetização de Eurico Alves Boaventura. *Simpósio Nacional de História – ANPUH*, 26, 114 2011. *Anais [...]*. São Paulo: ANPUH-SP, 2011. p. 1-16. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300660195_ARQUIVO_PAISAGEMSSERTAO_NARRATIVASEINSCRICOESDESI.pdf. Acesso em: 12 março 2020.